



OS FOLIÕES CONVERSAM, E OS COSTUMES RESISTEM

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3910

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos, UNICENTRO

Resumo

O presente artigo visa abordar a Folia de Reis que acontece no Distrito do Sapé – PR. Para realizar este artigo, o principal aporte teórico é Edward Palmer Thompson, com base neste autor buscamos realizar a análise da Folia de Reis nos conceitos de experiência, resistência e autoconsciência. A Folia de Reis do Sapé – PR ocorre desde 1965, reunindo várias pessoas do Sapé, e de outros bairros e cidades, todos juntos em prol da realização deste folguedo que carrega consigo não apenas o elemento religioso, mas também a ideia de coletividade, de consciência de grupo presente em comunidades interioranas. As fontes para realizar esta pesquisa são orais e visuais; além de fotografias, são utilizadas como fontes principais as 6 entrevistas concedidas por foliões e por participantes da folia. É de significativa relevância realizar pesquisas neste âmbito, diante do fato de habitualmente trabalhos na área de festas populares focarem apenas no elemento religioso, esquecendo muitas vezes da função social do costume. Através da seguinte análise, é possível compreender várias facetas de uma folia popular, os resquícios de costumes de outrora, a sociabilidade, e o intuito de cada prática. Isto é, a ressignificação de alguns costumes, que passam a possuir outros sentidos diante da realidade atual da comunidade em questão.

Palavras Chave:

Cultura; Popular;
Resistência; Folia;
Autoconsciência.

Introdução

A Folia de Reis tem sua origem na Península Ibérica, normalmente atrelada a região de Portugal, este festejo em honra aos três reis magos e a comemoração do nascimento do menino Jesus, carrega consigo os preceitos do catolicismo popular. A festa é famosa por ser realizada através de doações, nada é vendido, todos podem comer e beber, isto é, está ao alcance dos mais necessitados, dos excluídos da sociedade e consequentemente da história. O elemento popular desta religião está atrelado as ideias de Cristo, ou seja, a simplicidade, a humildade, o senso de comunidade, tudo de forma singela, e sincera.

No dia 26 de dezembro, após a comemoração do nascimento de Cristo, os foliões se reúnem na casa do Seu Plínio, líder da folia do Sapé, e iniciam o processo de afinação de instrumentos e um breve ensaio, para dar início a sua jornada. Eis que começa a procissão dos foliões por todo o distrito, e depois para bairros mais distantes, carregando consigo a bandeira de reis, e o emblema do menino Jesus, os palhaços fazendo a frente, e os músicos unidos cantando versos decorados e outros improvisados, sobre a crença e a realidade atual. Este percurso dura até o dia 30 de dezembro, ocorre uma pausa para que os foliões passem a virada do ano com os familiares, e no dia 02 de janeiro o grupo se reúne para visitar mais algumas cidades. Depois quem entra em ação são as pessoas responsáveis por preparar os alimentos para o almoço.

Por fim, no dia 06 de janeiro, todos estão juntos na casa de Seu Plínio, cada um carregando uma bandeira correspondente a cada ano da folia, e todos saem em procissão em direção ao barracão da igreja do distrito. Quando chegam, as músicas param, as orações começam, o momento solene acontece, alguns se emocionam, outros apenas ficam em silêncio, agradecendo e pedindo,

sempre com fé. A parte religiosa feita, todos se voltam para a fila do almoço e do bar, alguns forram o estômago com aquela cachaça, e depois partem para o banquete, que sempre está à disposição de todos, sem preço e sem distinções.

Adentrando no Distrito do Sapé – PR, nos voltamos para o grupo de foliões, homens entre 15 e 65 anos, todos compartilhando das mesmas vivências ao longo desta peregrinação tão inquietante. Contudo, é significativo notarmos que não são apenas os foliões os atores sociais desta festa, mas também vários membros da comunidade do Sapé, dos bairros e das cidades vizinhas. A lista é longa, seria difícil lembrar o nome de todos, mas para compreendermos melhor a infraestrutura deste folguedo, podemos pensar nas funções, por exemplo: temos o grupo de costureiras responsáveis pela elaboração das vestimentas dos palhaços e das bandeiras, além das cozinheiras, responsáveis por cuidar de toda a organização do almoço do dia 06 de Janeiro, e por fim, todas as pessoas que realizam as doações, fazem e pagam promessas, que recebem os foliões com o café e a cachaça na intimidade do seu lar.

Justificativa

Todavia, ao analisar a Folia de Reis, foi visível a semelhança com os traços de costumes ingleses, conhecidos como Rough Music, analisados pelo historiador E. P. Thompson. Diante disto, foi necessário ceder a curiosidade natural do historiador, e ir mais fundo neste oceano de possibilidades, que é a cultura popular.

Para E. P. Thompson, estudar temas como a Rough Music ou Charivari, ou no caso do Brasil, festas populares, demonstra que muitas vezes ao retomarmos o estudo sobre este tema “tenha interesse apenas marginal e pouca relevância geral para o comportamento sexual ou as normas conjugais. Abre apenas uma pequena janela para essas questões”. Entretanto, segundo

Thompson, “não há muitas dessas janelas, e nunca teremos uma visão panorâmica até que todas as cortinas sejam abertas e as perspectivas se cruzem. Dessa evidência fragmentária e enigmática, devemos extrair todas as percepções possíveis sobre as normas e sensibilidades de uma cultura perdida, bem como as crises internas aos pobres”¹

Por mais que a Folia de Reis do Sapé/PR não possua uma conotação sexual ou vise atuar neste âmbito, podemos notar a partir de alguns aspectos que quando Thompson remete a estas janelas, não se limita apenas a venda de esposas, mas também a rough music e ao charivari; estes que apresento como precursores da Folia de Reis do Sapé - PR. É evidente que estes costumes atravessaram oceanos e ainda se perpetuam; contudo, no folguedo analisado aqui, estes costumes já aparecem de forma fragmentada, como Thompson já nos alertava, “aqueles que representam esses ritos podem ter esquecido há muito tempo as suas origens míticas. Entretanto, os próprios ritos evocam poderosamente os significados míticos, mesmo que esses sejam compreendidos de modo apenas fragmentário e parcialmente consciente.”²

Objetivos

Thompson nos ajuda a compreender a Folia de Reis do Sapé/PR como uma teatralização da rough music e do charivari; isto é, das práticas do entrudo de uma maneira geral, diante de que a coerção social não acontece necessariamente, porém ainda podemos ver os traços pertencentes ao vocabulário simbólico para a realização desta. Para demonstrar um pouco deste vocabulário, podemos nos ater a este relato, “(...) já tinham evidenciado elementos rituais: homens com as faces pintadas de preto, vestidos como mulheres; fantasias de

animais com chifres, peles e máscaras; o soprar das trompas, mugidos, o chacoalhar de correntes e o disparo de fuzis diante das casas dos fura-greves ou delatores.”³

Na Folia de Reis encontramos dois palhaços que interagem com a população e são aqueles que recebem as doações dos moradores das casas e das pessoas abordadas ao longo do trajeto, fator significativo nestes dois elementos é o nome dado aos mesmos, sendo ambos chamados de “Bastião”; e utilizando máscaras, aspectos estes que aponto aqui como teatralização enquanto a camuflagem que os membros da rough music realizavam para não serem reconhecidos pelas vítimas deste costume. Isto é, o nome verdadeiro não é pronunciado, para que o palhaço realize brincadeiras com todos e não seja reconhecido; para completar o disfarce, a máscara está sempre presente em sua face, não importa o calor que esteja fazendo. Sendo assim, a identidade está ocultada, possibilitando ao folião mascarado, realizar os chistes que quiser com o povo.

Dentre os pontos que movem este aspecto na rough music, o medo da possível vingança da vítima atormentada é um dos fatores mais claros, mas no caso dos palhaços da Folia de Reis, é apenas um resquício do costume, um elemento que dá liberdade para as brincadeiras realizadas pelos mesmos. Por fim, ainda aproveitando da citação de Thompson, podemos nos ater a ideia da música rude, enquanto portadora de aspectos de cacofonia, isto é, um som um tanto grotesco; ponto este que se dá devido à intenção de realmente realizar um barulho ensurdecador e que realmente incomode, utilizando instrumentos como correntes e fuzis, também realizando o som de mugidos. É neste ponto que encontramos possíveis traços na Festa de

1 THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 308

2 Idem, p. 382

3 Idem, p. 390

Reis, diante de que os foliões em meio às músicas tocadas, e ao canto entoado, (este sendo realizado com uma afinação bem caipira) ocorrem gritos de todos os foliões, realizando um barulho que assusta os marinheiros de primeira viagem neste folguedo.

Segundo Davis (1990), é interessante nos atentarmos ao trecho que discute a organização das Abadias,

houve também mudanças na organização das Abadias, mudanças em sua composição social e etária. Mesmo uma cidade de seis mil habitantes é grande demais para apenas uma abadia. Por volta do século XVI, Lyon, com sua população crescendo até sessenta mil, tinha cerca de vinte delas com um elenco completo de Abades, Barões, Capitães, Almirantes, Princesas, Condes, Príncipes, Juizes e Patriarcas do Desgoverno em sua direção. Ainda que separadamente organizados, eles se encontravam e em épocas festivas desfilavam juntos. A maioria delas era organizada no bairro ou na vizinhança, e o mesmo parece ter sido parcialmente verdadeiro em relação a ruão.⁴

Assim como as abadias se organizavam, os foliões da festividade em questão também se organizam, contudo com algumas diferenças, as hierarquias em questão estão vinculadas a organização musical. Isto é, dentro do grupo de foliões existem os patamares, se assim posso dizer; por exemplo: quem lidera o grupo é chamado de contramestre, sendo aquele que faz a primeira voz e dita o ritmo das canções, também sendo, obviamente, o que lidera o grupo. Em seguida vêm o contra-alto, que seria como o vice-comandante do grupo, realizando a segunda voz e puxando o grito rude; e por aí vai, todos os participantes são

respeitados, mas existe a hierarquia dentro do grupo, assim como havia nas abadias.

Para compreendermos um pouco acerca da discussão de comunidade, juntamente com elemento caipira, é interessante entendermos que, segundo Candido (1971), os elementos de solidariedade, como por exemplo, o mutirão, a forma como este era realizado e os motivos desta ação um tanto fascinante; eram ocasionados diante da necessidade de um vizinho para realizar a colheita antes da tempestade, ou para terminar a construção de uma casa com mais rapidez. São várias as situações que podem necessitar de um mutirão, alguns de um dia apenas, outros de um período de vários dias, (este caso sendo voltado para a colheita), quando chegava este momento, os vizinhos; a comunidade que normalmente correspondia ao bairro ou distrito era chamada a ajudar já por costume, revezando ao longo da duração da colheita.

Os limites de bairro apenas eram rompidos em festas religiosas que reuniam o todo da população, ultrapassando a concepção de vizinhança. É interessante pensar as formas de pagamento deste sistema de solidariedade, que se davam através do compromisso de ajudar os mesmos vizinhos, caso esses precisassem. Contudo, não apenas nesse sistema de auxílio mútuo, mas também oferecendo alimento aos que estão ajudando, muitos realizavam um fandango, mais conhecido como festa, para se divertir e celebrar após o trabalho feito. Com isso, temos um exemplo claro de comunidade, e solidariedade, isto é, o senso de comunidade. Partindo deste debate, colocamos em questão a força que o Sapé, comunidade por trás da Folia de Reis, possui.

Com base na percepção de Candido (1971), podemos observar como

4 DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo:** Sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990, p. 97

o espaço de sociabilidade, no âmbito da vizinhança ainda se mantém grande, isto é, ultrapassando bairros e até cidades, quando se trata da elaboração da folia. Ao longo do trajeto dos foliões, Seu Plínio se depara com inúmeros compadres e comadres, que os recebem para um almoço, ou com pouso para todos os foliões. Se observarmos o elemento material, e deixarmos o religioso de lado por alguns instantes, notamos o quanto a Folia de Reis se assemelha à um mutirão, onde várias pessoas trabalham em conjunto para arrecadar alimentos e preparar um almoço a todos aqueles que quiserem ir, para que todos se reúnam e comam juntos, sem custo algum, apenas feito com doações. É óbvio que a prática material está vinculada a imaterial, a da fé; porém a religião que se estabelece aqui, é um catolicismo popular, feito ao molde do povo, de acordo com as ideias de Cristo, ou seja, ideais de partilha.

Para concluir este debate é relevante relacionar o trecho em que Thompson aborda elementos que faziam a rough music ocorrer, ou neste caso, a folia acontecer.

Mas elas não zombam *apenas*. A Relação entre as formas satíricas da *Rough Music* e as formas dignas da sociedade que as abrigam, não é de modo algum simples. Num certo sentido, a procissão talvez procure afirmar a legitimidade da autoridade. E, em certos casos, essa intenção pode ser extraordinariamente direta. Pois as formas da *rough music* e do *charivari* são parte do vocabulário simbólico expressivo de um certo tipo de sociedade – um vocabulário disponível a todos e que serve para a enunciação de muitas sentenças diferentes. É um discurso que (embora frequentemente coincida com a linguagem escrita) deriva seus

recursos da transmissão oral, numa sociedade que regula muitas de suas ocorrências – relativas à autoridade e à conduta moral – por meio dessas formas teatrais como a procissão solene, e o cortejo cívico, o espetáculo público da justiça ou da caridade, a punição pública, a exibição de emblemas e distintivos etc.⁵

A partir dos apontamentos que o autor realiza sobre a rough music, podemos observar alguns elementos paralelos a Folia de Reis, ou seja, a teatralidade, a procissão solene, o espetáculo público da caridade, no caso desta festa, são pontos claros que se entrelaçam em origens e simbologias. Durante todo o trajeto as máscaras estão nos palhaços, o emblema do menino Jesus exibido em todas as casas que doam, as doações tem um intuito de caridade; no dia da festa a procissão ocorre, todo o povo sai em marcha, agora quem chega são os emblemas dos reis magos, e levam o povo com a banda atrás, em direção ao banquete para aqueles que quiserem comer.

É válido nos atentarmos a discussão da bibliografia específica da Folia de Reis, para isto é apresentado dois autores relevantes para o debate desta linha de pesquisa, a princípio temos o artigo de Alex Sandro da Conceição Brandão⁶, que realiza a análise em torno da ressignificação dos símbolos presentes na folia, estabelecendo também um debate com Portelli acerca da concepção de memória e como esta deve ser utilizada. O autor finaliza seu texto dando ênfase nas relações de poder que ocorrem na Folia e na comunidade por trás dela; fato extremamente interessante para o presente artigo, pois é abordado aqui a força da comunidade do Sapé – PR, e como esta é representada na Folia de Reis.

5 THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 360

6 BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. Santos Reis: Festa, poder e memória (Governador

Mangabeira-BA 1970-2000). **X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política**. Recife, 26 a 30 de Abril de 2010.

Entrando na ideia de representação, é importante citar o trabalho do historiador Jorge Luiz Dias Pinto⁷, que ao buscar sua base nas teorias de Chartier, demonstra como as práticas culturais ocorridas no cerne da folia, são uma representação do mundo dos foliões. Fazendo um paralelo com a obra deste autor, é significativo deixar claro que a análise feita neste texto não visa a compreensão de representações, mas sim, considera as práticas dos foliões reais, isto é, a peregrinação, o cansaço, a fome, o riso, o choro, é tudo real; esta realidade está imersa no vocabulário simbólico presente nos traços fragmentados da rough music, manifestada na folia de reis através da teatralização.

É extrema a necessidade de pesquisas na área de festas populares, por ser uma área um tanto recente de pesquisa, sendo realizada por historiadores apenas depois de 1980, ao menos na perspectiva do *entrudo*, tópico este abordado na introdução da obra “Os carnavais de rua e de clubes de São Paulo” da autora Zélia Lopes da Silva. Através da análise de festas populares, podemos compreender inúmeros elementos. Partindo de E. P. Thompson, podemos entender como as festas são espaços de sociabilidade; as de cunho realmente popular, como a Folia de Reis do Sapé/PR, realizam uma afronta para com o sistema capitalista. Pois, todo o folguedo é realizado através de doações, e o almoço aberto a toda comunidade é totalmente gratuito, sem a venda da comida e das bebidas, mesmo grande parte sendo alcoólica. O foco não é o lucro, mas sim um espaço de troca de experiências e auxílio para as pessoas que residem no distrito. É de vital importância construir a história daqueles que sobrevivem e vivem, resistindo ao sistema capitalista, conversando e importando-se com os que

estão à sua volta.

Ainda dialogando com Zélia Lopes da Silva, é significativo apontarmos o trecho em que a autora aborda a proibição do entrudo nos festejos do carnaval, demonstrando que o entrudo já existiu como prática no Brasil, porém, ao menos na folia de reis, o que aparece são apenas resquícios deste costume.

Sobressaíram, nas notícias de *O Estado de S. Paulo*, as proibições e os limites requeridos para cada folião. A autoridade policial, na pessoa do capitão Ariosto de Almeida Daemon, delegado geral de polícia, baixou a portaria proibindo na ocasião dos festejos carnavalescos o [...] entrudo ou divertimentos idênticos que possam molestar ou prejudicar alguém; cantorias que ofendam os bons costumes ou o decoro público; fantasias de críticas as autoridades constituídas ou a qualquer instituição religiosa; uso de carrapichos, graxas, pós, querosene, lança-perfumes contendo substâncias perniciosas ou impróprias desse artigo, agindo a polícia energeticamente contra os que forneceram nessas condições. (*O Estado de S. Paulo*, 5^a feira, 4 fev. 1932)⁸

No relato a cima podemos observar a forma como um costume popular que atravessou o Atlântico passa a ser proibido pela lei da elite, pois, para o povo, o carnaval brincado era o momento de se expressar contra as deficiências que o governo possuía na política, economia, saúde e afins. Juntamente com a realização de brincadeiras que envergonhassem alguma atitude de alguma pessoa específica, ou um grupo em questão. Porém, isto foi proibido pelo governo e levado a cabo pela polícia, pois não

7 PINTO, Jorge Luiz Dias. Folia de Reis entre práticas e representações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética**. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

8 DA SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)**. – São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008, p. 135

correspondia a moral e os bons costumes da elite, além de “desacatar” o governo e os que atuavam nele.

Partindo deste preceito, podemos compreender porque o entrudo foi sendo extinto, porém o foco aqui não é dar luz ao papel do opressor, mas sim do povo que foi oprimido, e mesmo assim conseguiu manter traços do charivari e da rough music em suas festividades. Os costumes perduram, a tradição se mantém, a experiência é passada, e a folia de reis continua a acontecer. Não é um entrudo realmente, mas imita-o com tamanha eficácia, que a resistência é explícita para aqueles que tem consciência da opressão do sistema capitalista.

Neste artigo foi analisado um grupo de entrevistas realizadas na região do Sapé/PR, feitas durante os anos de 2014 e 2015. Contudo, a principal base para discussão da caridade, se concentra na análise da doação, da refeição para todos e na fala de Seu Plínio, responsável pela origem da Folia no Sapé. Em relação ao aporte teórico para a história oral, é realizado o debate com Portelli, o qual apresenta as memórias e os possíveis mundos dos festeiros como demonstrações que o testemunho oral pode ser encarado como evento em si mesmo, mas também pode recuperar a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe na sua relação com a história.

Segundo o autor, a narrativa depende de fatores pessoais e coletivos, porém, a maior parte dos trabalhos envolve a análise do discurso e da performance dos entrevistados. A história oral é um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo próprio historiador.⁹ Ou seja, é o resultado que surge do encontro entre o historiador e a fonte no

momento da entrevista. A complexidade consiste em que a história oral é resultante das construções verbais tanto do narrador quanto do historiador.

Dessa forma, a história oral é, então, “ao mesmo tempo, um gênero de narrativa e um discurso histórico, e um agrupamento de gêneros, alguns compartilhados com outros tipos de discurso, alguns peculiares a ele.” Segundo Alessandro Portelli,

Enquanto os gêneros de expressão oral e cultural atuam dentro do mundo da oralidade, a história oral se inicia na oralidade do narrador, mas é encaminhada (e concluída) em direção ao texto escrito do historiador. Os narradores orais estão cientes dessa destinação escrita e têm isso em mente na medida em que dão forma às suas performances; por outro lado, a tarefa do historiador “oral” é escrever de tal modo que os leitores constantemente relembrem as origens orais do texto que estão lendo.¹⁰

Sendo assim, ao analisar este conjunto de entrevistas, as falas registradas não são elementos isolados, mas analisadas como fruto de um contexto de um distrito interiorano, e compreendidas enquanto seletivas, mas também sentimentais, demonstrando o amor, a fé, as experiências contadas de acordo com a lembrança de cada um, formando várias peças do mosaico de vivências que é a Folia de Reis.

Resultados

Ao analisar folia de reis do Sapé/PR, foi possível vislumbrar que a sociabilidade é presente, assim como em outras festas, porém, ao se debruçar sobre alguns elementos isoladamente, pode se observar com outros olhos, e outras

9 PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Proj. História**. São Paulo, n. 22, junho, 2001

10 Idem.

leituras, a forma como este folguedo é uma teatralização da Rough Music inglesa e do Charivari francês. A coerção social não ocorre necessariamente, mas é visível a similaridade do vocabulário simbólico, demonstrando que é passível a compreensão dos aspectos culturais da folia enquanto resquícios do costume ultramarino. Isto é, além de ser um evento religioso, demonstra a autoconsciência de comunidade, pois, as razões para a continuidade da folia não se restringem apenas a fé, mas também as condições sociais e econômicas das pessoas da região.

No Sapé nos deparamos com uma comunidade forte e organizada, e o fruto desta organização é o respectivo folguedo. Na fala de Seu Plínio, líder da Folia, encontramos a preocupação com o próximo, ao ponto que este realiza alegações de que continua fazendo a Festa de Reis para que pessoas que não possuem condição financeira, possam ter como comer bem, ao menos um dia no ano. O senso de comunidade, a caridade presente na rough music e no charivari. A cultura popular deve ser retratada, o capitalismo no seu viés cultural, teima em acabar com ela, mas estamos aqui para arrancar a lona do capital, e mostrar o costume popular que resiste embaixo desta.

Considerações finais

Por fim, após este debate sobre as novas possibilidades de enxergarmos a Folia de Reis, baseada nos elementos da Rough Music e do Charivari, é interessante voltarmos nossos olhares minuciosos para outras festividades populares no Brasil, verificando se estas podem apresentar os mesmos traços. Com a abertura desta

nova porta para esta linha de pesquisa, é possível que nos deparemos com outros mundos ocultos na essência destes folguedos.

Referências

- BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis: Festa, poder e memória (Governador Mangabeira-BA 1970-2000)**. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de Abril de 2010. Encontrado em: http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269185208_ARQUIVO_textofinal-simposiounebrevisado.pdf
- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 2. ed. São Paulo – Livraria Duas Cidades. 1971.
- DA SILVA, Zélia Lopes. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)**. – São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- PINTO, Jorge Luiz Dias. PINTO, Jorge Luiz Dias. **Folia de Reis entre práticas e representações**. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM. Encontrado em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1037.pdf>
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Revista Projeto História Vol.22/PUCSP. São Paulo, 2001. Encontrado em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>
- THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.